

**FACULDADE INTERNACIONAL DE CURITIBA – Facinter**

**SILVIA REGINA GONÇALVES**

**A LINGUAGEM NA ERA DO *BULLYING*: COMO A VIOLÊNCIA REFLETE-SE NA  
FALA E ESCRITA DOS ADOLESCENTES**

**CURITIBA**

**2009**

**SILVIA REGINA GONÇALVES**

**A LINGUAGEM NA ERA DO *BULLYING*: COMO A VIOLÊNCIA REFLETE-SE NA  
FALA E ESCRITA DOS ADOLESCENTES**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão de Pós-graduação de Metodologia Inovadoras em Educação na especialidade de Psicopedagogia, na modalidade a distância da Faculdade Internacional de Curitiba – FACINTER.

Professora Orientadora: Vera Lucia

**CURITIBA**

**2009**

## **AGRADECIMENTOS**

***Agradeço a Deus,  
À minha família,  
Aos amigos e professores que  
Colaboraram com o meu sucesso!***

***No fundo, um escritor não cria sua obra simplesmente em seus livros, mas sua obra principal é afinal de contas ele mesmo no processo da escrita de seus livros.***

***Michel Foucault***

## RESUMO

Este estudo tem como intenção à de informar acerca do tema proposto: o *bullying* e a linguagem. Tal preocupação se deve à significativa incidência de 'brincadeiras' de mau gosto entre os alunos e entre alunos e funcionários da escola. A partir de observação direta de alunos nas aulas de Língua Portuguesa, a pesquisadora em questão, percebeu que as produções textuais e a oralidade dos alunos que praticam e os que sofrem o *bullying* – palavra que significa valentão, brigão em inglês – tem refletido essa situação. Não raro perceber palavras chaves em suas produções como: violência, triste, morte, morrer, ódio, entre outras que denunciam a baixa autoestima sofrida pelos alunos, mesmo entre os alunos que atacam seus colegas com palavras grosseiras e que machucam aqueles atacados. O vocabulário oral e escrito dos jovens alunos das quintas e sextas séries de um colégio estadual na grande Curitiba vem preocupando a professora de Língua Portuguesa, haja vista as freqüentes trocas de ofensas, apelidos e comentários maldosos entre eles.

Palavras chaves: linguagem oral, linguagem escrita, violência escolar.

## ABSTRACT

This study has as intention to the one of informing concerning the proposed theme: the bullying and the language. Such concern is due to the significant incidence of 'games' of bad taste among the students and between students and employees of the school. Starting from students' direct observation in the classes of Portuguese Language, the researcher in subject, noticed that the textual productions and the students' orality that practice and the ones that suffer the bullying - word that means bully, brawler in English - you/he/she has been reflecting that situation. No rare to notice key words in their productions as: violence, sad, death, to die, hate, among another that denounce the low suffered autoestima for the students, same among the students that attack their friends with rude words and that you/they hurt those wholesales. The oral vocabulary and the youths students' of Thursdays writing and sixth series of a state school in great Curitiba are worrying the teacher of Portuguese Language, have seen the frequent changes of offenses, nicknames and wicked comments among them.

Key words: oral language, written language, school violence.

## SUMÁRIO

RESUMO.....	v
INTRODUÇÃO .....	08
1.0 A LINGUAGEM NA ERA DO <i>BULLYING</i> .....	10
1.1 <i>BULLYING</i> : O QUE É ISTO? .....	10
1.1.1 Conceito de <i>Bullying</i> .....	10
1.1.2 A identificação do <i>bullying</i> e outros critérios.....	12
1.1.3 Os protagonistas do <i>bullying</i> .....	15
1.2 A LINGUAGEM ORAL E ESCRITA.....	20
1.2.1 A aquisição da linguagem oral.....	20
1.2.2 A linguagem escrita .....	24
1.3 A PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL.....	27
2.0 COMO A PRÁTICA DO <i>BULLYING</i> PREJUDICA A LINGUAGEM ORAL E ESCRITA DOS ADOLESCENTES .....	31
2.1 A ADOLESCÊNCIA .....	31
2.2 A LINGUAGEM ADOLESCENTE E O <i>BULLYING</i> .....	34
2.3 COMO O <i>BULLYING</i> INFLUENCIA A LINGUAGEM ADOLESCENTE .....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	50
REFERÊNCIAS.....	52
ANEXOS .....	54

## INTRODUÇÃO

Esta monografia tem como intenção a de informar acerca do tema proposto: o *bullying* e a linguagem. Tal preocupação se deve à significativa incidência de 'brincadeiras' de mau gosto entre os alunos e entre alunos e funcionários da escola.

A partir de observação direta de alunos nas aulas de Língua Portuguesa, a pesquisadora em questão, percebeu que as produções textuais e a oralidade dos alunos que praticam e os que sofrem o *bullying* – palavra que significa valentão, brigão em inglês – tem refletido essa situação.

Não raro perceber palavras chaves em suas produções como: violência, triste, morte, morrer, ódio, entre outras que denunciam a baixa autoestima sofrida pelos alunos, mesmo entre os alunos que atacam seus colegas com palavras grosseiras e que machucam aqueles atacados.

O vocabulário oral e escrito dos jovens alunos das quintas e sextas séries de um colégio estadual na grande Curitiba vem preocupando a professora de Língua Portuguesa, haja vista as freqüentes trocas de ofensas, apelidos e comentários maldosos entre eles.

O que a professora tem notado é que até mesmo nas produções escritas essas ofensas têm sido mencionadas, muitas vezes, veladamente, mas eles estão lá. A linguagem oral chega a ser assustadora, pois assim que a professora vira as costas para passar lição no quadro, ou entra em sala, alguns dos alunos estão em xingamentos que chega a ser deprimente para quem ouve, imagine para o alvo.

O termo *bullying* origina-se da palavra inglesa *bully* – valentão, brigão. Como verbo significa ameaçar, amedrontar, tyrannizar, oprimir, intimidar, maltratar. O primeiro a relacionar a palavra ao fenômeno foi Dan Olweus, professor da Universidade da Noruega. (CAVALCANTE, 2004)

A preocupação do professor era com as tendências suicidas entre jovens, descobriu, então, que a maioria desses jovens tinha sofrido algum tipo de ameaça e que, o *bullying* era um mal a combater. Por não haver ainda um termo equivalente ao português, nesta pesquisa será denominado como *bullying*, violência moral, vitimização ou maltrato entre pares. É o que se tem visto constantemente nas salas de aula em todos os países, tornou-se um hábito entre os jovens amedrontar e maltratar colegas, professores e funcionários das escolas em que deveriam estudar.

Com essa situação percebe-se que a aprendizagem fica prejudicada, visto que, os alunos não param e prestam atenção nos conteúdos a ser transmitido, nas aulas de português em que são solicitadas produções textuais, muitas vezes o pedido de socorro vem, mas nem sempre se consegue lidar com tanto sofrimento.

Sendo assim, o tema pesquisado decorre de questões levantadas ao longo dos quatro anos trabalhados com quintas séries da pesquisadora em questão ao observar o comportamento agressivo entre os alunos com seus vocabulários inadequados para a idade e suas produções textuais refletindo o que sentem quando agredidos verbal ou fisicamente.

Seja em escolas estaduais da periferia, seja em escolas estaduais em bairros nobres, os alunos estão em nível de igualdade para as provocações, difamações e 'palavreados' de baixo calão que assustam os mais recatados da turma.

Em todas as disciplinas as reclamações são as mesmas: fulano falou cada 'palavrão' em sala de aula; sicrano destratou os colegas; beltrano não consegue dizer dez palavras sem que nove sejam ofensivas. É uma situação insustentável que precisa ser tratada para que no futuro não haja tantos alunos frustrados e infelizes por seus anos passados no colégio.

Nas aulas de Língua Portuguesa reflete-se essa situação por meio das produções textuais, seja uma atividade livre ou dirigida, os alunos pedem para falar sobre o que incomodam em sala de aula. Como escreve um dos alunos deste ano de 2008 da 6ª série e que é alvo de bullying: "Eu odeio a violência na escola. É muito mau e ninguém gosta, aliás, ninguém gosta de violência. Para quê xingar tanto, e usar nomes que nos ofendem e nos magoam, gostaria muito que tudo isso acabasse."

Assim, após discutir criticamente o papel da professora de Língua Portuguesa e sua metodologia na atuação docente, se fará uma investigação sobre qual a melhor maneira de lidar com a violência moral em sala de aula. Dessa maneira, a pesquisa visa colaborar para que os professores conheçam sobre o fenômeno *bullying* e possam refletir sobre suas práticas em sala de aula para que a aprendizagem ocorra.

Portanto, para esta pesquisa se objetiva detalhar essa questão entre a violência gratuita e a aprendizagem dos alunos nas aulas de língua portuguesa, que conseqüentemente, refletirá em outras disciplinas.

## **A LINGUAGEM NA ERA DO *BULLYING*: COMO A VIOLÊNCIA REFLETE-SE NA FALA E ESCRITA DOS ADOLESCENTES**

### **1.0 A LINGUAGEM NA ERA DO *BULLYING***

#### **1.1 BULLYING: O QUE É ISTO?**

##### **1.1.1 Conceito de *Bullying***

O fenômeno *bullying* vem se disseminando sutilmente entre os estudantes, cresce e envolve, de forma quase epidêmica, um número cada vez maior de alunos. Em que sua ação maléfica traumatiza o psiquismo de suas vítimas, provocando um conjunto de sinais e sintomas muito específicos, caracterizando uma nova síndrome, denominada por Cleo Fante (2005) de Síndrome de Maus-Tratos Repetitivos (SMAR). (FANTE, 2005)

*Bullying* se origina de uma palavra inglesa adotada em muitos países que define “o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão”. (Tatum e Herbert, 1999 citados por Fante; Pedra, 2008, p. 33)

Dessa maneira, o *bullying* compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro ou outros, causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder, tornando possível a intimidação da vítima. (LOPES NETO E SAAVEDRA, 2003, apud FANTE; PEDRA, 2008)

Além de que as formas comumente empregadas nos atos de *bullying* compreendem:

- Físico: bater, chutar, beliscar.
- Verbal: apelidar, xingar, zoar.
- Moral: difamar, caluniar, discriminar.
- Sexual: abusar, assediar, insinuar.
- Psicológico: intimidar, ameaçar, perseguir.
- Material: furtar, roubar, destroçar pertences.
- Virtual: zoar, discriminar, difamar por meio de Internet e celular.

Percebe-se que a vítima recebe ataques conjugados, utilizando-se para isso várias formas de maus-tratos, inclusive a exclusão social.

“O termo *bully* pode ser traduzido como ‘valentão, tirano, brigão’” (Fante e Pedra (2008, p. 34). Pois, *bully*: que o verbo em inglês significa tiranizar, amedrontar, brutalizar, oprimir, e o substantivo *bullying*: irá descrever o conjunto de atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo (*bully*) ou grupo de indivíduos objetivando intimidar ou agredir outro indivíduo ou grupo de indivíduos incapaz de se defender. (FANTE; PEDRA, 2008)

Assim sendo, os insultos, as intimidações, os apelidos cruéis, as gozações que magoam profundamente, acusações injustas, a atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento *bullying* visto nas escolas de todo país e do mundo que comprometem o desenvolvimento e o bom andamento das aulas.

O *bullying* é considerado como um fenômeno novo, entretanto vem sendo objeto de investigação e de estudos nas últimas décadas e despertando a atenção da sociedade para suas conseqüências nefastas; contudo, “é um fenômeno bastante antigo, visto que se trata de uma forma de violência que sempre existiu nas escolas – onde os valentões continuam oprimindo e ameaçando suas vítimas, por motivos banais – e que até hoje ocorre despercebida da maioria dos profissionais de educação”. (FANTE, 2005, p. 44)

É comum ouvir de determinados alunos quando praticam o *bullying* contra seus colegas: “É brincadeira, professora!” No entanto, o *bullying* é diferente de uma brincadeira inocente, sem intenção de ferir; não se trata de um ato de violência pontual, de troca de ofensas no calor de uma discussão, mas sim de atitudes hostis, que violam o direito à integridade física e psicológica e à dignidade humana.

Percebe-se que as brincadeiras acontecem de maneira natural entre as pessoas, isto é, elas brincam, zoam, colocam apelidos umas nas outras, dão risadas e se divertem. Contudo, quando essas brincadeiras ganham requintes de crueldade, de perversidade, segundas intenções e extrapolam os limites suportáveis que variará de acordo com a história intrapsíquica de cada sujeito, transformam-se em atos de violência.

E ameaça o direito à educação, ao desenvolvimento, à saúde e à sobrevivência de muitas vítimas que se sentem indefesas, vulneráveis, com medo e vergonha, o que favorece o rebaixamento de sua autoestima e a vitimização continuada e crônica.

Então, quando apenas uns poucos se divertem à custa de outros, que sofrem, não se trata mais de uma simples ‘brincadeira’, e sim de um ato de violência, porque nota-se claramente que alguém fica constrangido, não se sente à vontade ou não gostando dessa brincadeira.

Entretanto, é importante diferenciar o *bullying* de outros tipos de violência, pois a principal diferença é a propriedade de causar traumas irreparáveis ao psiquismo das vítimas, comprometendo sua saúde física e mental e seu desenvolvimento socioeducacional.

Assim sendo, o *bullying* ao contrário de outras ações violentas, ocasionais e reativas, é caracterizado por ações deliberadas e repetitivas, pelo desequilíbrio de poder e pela sutileza com que ocorre, sem que os adultos percebam ou permitindo que estes finjam não perceber. “É uma forma de violência que resulta em sérios prejuízos, não apenas ao ambiente escolar, mas a toda a sociedade, pelas atitudes de seus membros”. (FANTE; PEDRA, 2008, p. 83)

Além de que, as relações desestruturadas por meio de condutas abusivas e intimidatórias incidem na formação de valores e do caráter, o que refletirá na vida do indivíduo, no campo pessoal, profissional, familiar e social. O *bullying* está relacionado à formação de gangues, ao uso de drogas e armas, à violência doméstica e sexual, aos crimes contra o patrimônio e, conseqüentemente, à necessidade de altos investimentos governamentais para atender à demanda da Justiça, dos presídios, dos programas sociais e da saúde. (www.diganaoaobullying.com.br, citado por FANTE; PEDRA, 2008)

### **1.1.2 A Identificação do *Bullying* e outros critérios**

Dan Olweus, da Universidade de Bergen, na Noruega (1978 a 1993, *apud* Fante; Pedra, 2008, pg. 39) estabeleceu alguns critérios básicos para identificar as condutas *bullying* e assim, diferenciá-las de outras formas de violência e das brincadeiras próprias da idade.

Os critérios são: ações repetitivas contra a mesma vítima num período prolongado de tempo; desequilíbrio de poder, o que dificulta a defesa da vítima; ausência de motivo que justifique os ataques. Por ações repetitivas entendem-se quando os ataques são desferidos contra a mesma vítima num período de tempo, podendo variar de duas ou mais vezes no ano letivo.

Embora pareça que seja pouco, deve-se levar em consideração a desagradável e aversiva experiência vivenciada pela vítima, o medo, que se torna constante, principalmente de que o ataque volte a acontecer. Cabe, então, à vítima mobilizar sentimentos como: ansiedade, medo, insegurança, raiva, além de tensão, constrangimento, receio de fazer uma pergunta ao professor e ser alvo de 'zoação'.

Assim, para a vítima é preferível calar-se ou isolar-se dos demais na tentativa de minimizar seu sofrimento, mesmo quando está longe do ambiente escolar, a vítima continua lembrando-se dos episódios e somatizando-os, como se tivesse na presença de seus agressores.

Sendo então os maus-tratos verbais, por meio dos apelidos depreciativos as ações mais comumente realizadas pelos que praticam o *bullying*, no entanto, os agressores não param por aí, pois quando a vítima mostra-se ofendida ou pede para ser deixada em paz, acabam utilizando outras formas de maus-tratos, como intimidações, perseguições, chantagens, ou até mesmo maus-tratos físicos, para que a vítima não denuncie seus atos.

O comportamento *bullying* pode ser identificado em qualquer faixa etária e nível de escolaridade, portanto, desde os três ou quatro anos de idade é possível perceber o comportamento abusivo, manipulador, dominador e, por outro lado, passivo, submisso e indefeso. (FANTE; PEDRA, 2008)

Entretanto, a maior incidência está entre os alunos do sexto ao nono ano (quinta a oitava série), período em que, progressivamente, os papéis dos protagonistas se definem com maior clareza. Mas é possível encontrar grupos de alunos de séries avançadas submetendo colegas de séries inferiores aos seus ataques ou fazendo com que entreguem dinheiro, lanche ou pertences.

Ainda promovem o psicoterrorismo, disseminando o medo e o terror dentro e fora da escola por meio de ameaças, intimidações, perseguições ou dos maus-tratos físicos e verbais.

Alessandro Costantini – pesquisador italiano (2006, citado por Fante; Pedra, 2008, p. 46) diz que em uma pesquisa americana concluiu-se que a agressividade apresenta um aumento linear dos três aos catorze anos e o emprego da agressão física aumenta a partir dos dez anos.

Concluiu também que a violência e as atitudes anti-sociais se incrementam dos doze anos em diante e que as condenações penais decorrentes dos comportamentos violentos, ocorrem em maior grau dos dezoito aos vinte anos, e pode se prolongar por diversos anos em graves comportamentos agressivos.

Percebe-se, então que o *bullying* vem se propagando cada vez mais na educação infantil e no ensino fundamental, e a maioria dos casos ocorre nos primeiros anos escolares, porém a sua intensidade e o agravamento dos episódios aumentam conforme aumenta o grau de escolaridade.

“E o fenômeno continua crescendo em todo o mundo, somente no Brasil em 2007, a média de envolvimento dos estudantes brasileiros era de 45% acima dos índices mundiais”, sinaliza Fante e Pedra (2008, p. 50). E o mais preocupante é que as crianças na mais tenra idade escolar já apresentam envolvimento e evidências de prejuízos sofridos. (FANTE; PEDRA, 2008)

Acredita-se que o aumento dos índices deve-se à tendência da vítima em reproduzir os maus-tratos sofridos. Assim, o fenômeno se expande e envolve um número cada vez maior de alunos, há também motivos variados que impulsionam o aumento das práticas de *bullying* nas escolas ou a integração das vítimas em grupos que se dedicam ao assédio.

Podendo-se citar: o estímulo à competitividade e ao individualismo, principalmente decorrente da pressão exercida pela família e a escola quanto à obtenção de resultados, especialmente nos vestibulares; a banalização da violência e a certeza da impunidade; o desrespeito e a desvalorização do ser humano, evidenciados em diversos contextos; a educação familiar permissiva e a ausência de limites e, sobretudo, a deficiência ou ausência de modelos educativos baseados em valores humanos, orientando-os para a convivência pacífica, solidariedade, cooperação, tolerância e respeito às diferenças, que despertam os sentimentos de empatia, afetividade e compaixão nos seres humanos. (FANTE; PEDRA, 2008)

Independentemente se a escola for pública ou privada, sua localização, seu turno ou seu poder aquisitivo da comunidade escolar, o *bullying* está presente em

100% das escolas. Os locais onde ocorrem os ataques podem ser: pátios de recreio, *playgrounds*, banheiros, corredores, salas de aula, bibliotecas, quadras esportivas, salas de informática, laboratórios e imediações das escolas. Podem ocorrer também em outros locais fora da escola, como condomínios, *lan houses*, shoppings e outros locais comuns aos alunos. Contudo, no Brasil as pesquisas apontam a maior incidência para a sala de aula.

Essa incidência se deve ao fato de que por ser um tema novo de discussão no meio educacional brasileiro, em que a maioria dos professores desconhece a relevância do fenômeno e não sabe como agir ao se deparar com a questão, acabam agindo de acordo com suas próprias experiências, ou seja, muitos acreditam ser o *bullying* necessário para o amadurecimento do indivíduo.

Outros não dão a devida importância por acreditarem que 'são brincadeiras próprias da idade', sem maiores conseqüências; há aqueles que pensam que os próprios alunos devem resolver seus problemas, sem intromissão dos adultos. Contudo, todo professor, treinado ou não para lidar com o *bullying*, é capaz de observar as relações interpessoais e perceber os sinais que são emitidos por aqueles que se sentem incomodados ou vitimizados. (FANTE; PEDRA, 2008)

### **1.1.3 Os Protagonistas do *Bullying***

O *bullying* pode ser classificado como direto: quando as vítimas são atacadas diretamente, ou indireto: quando estão ausentes. São considerados *bullying* direto os apelidos, agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais ou expressões, e gestos que geram mal estar aos alvos. São atos utilizados com uma frequência quatro vezes maior entre os meninos. O *bullying* indireto compreende atitudes de indiferença, isolamento, difamação e negação aos desejos sendo mais adotados pelas meninas.

Há alguns sinais que evidenciam a prática do *bullying*, como roupas excessivamente sujas, livros rasgados, hematomas não justificados, objetos em falta, necessidade de mais material escolar ou de dinheiro extra. Além de falta de vontade de ir à escola; pedir para trocar de escola; medo de ir ou voltar da escola, sentir-se mal perto da hora de ir para a escola, pedir para ser levado até a escola, mudar freqüentemente o trajeto entre a casa e a escola é, também, muito comum.

Dessa maneira, seja qual for a atuação de cada aluno, algumas características podem ser destacadas, como relacionadas aos papéis que venham a representar, eis os protagonistas do *bullying*:

- Alvos de Bullying: são os alunos que só sofrem bullying;
- Autores: são os alunos que só praticam bullying;
- Alvos/ autores de Bullying: são os alunos que ora sofrem, ora praticam bullying;
- Testemunhas: são os alunos que não sofrem nem praticam bullying, mas convivem em um ambiente em que isso ocorre. (ABRÁPIA, 2008)

Os Alvos de *Bullying*: considera-se alvo o aluno exposto, de forma repetida e durante algum tempo, às ações negativas perpetradas por um ou mais alunos. Entende-se por ações negativas as situações em que alguém, de forma intencional e repetida, causa dano, fere ou incomoda outra pessoa.

Geralmente ele não dispõe de recursos, *status* ou habilidade para reagir ou cessar o *bullying*. Pois é pouco sociável, inseguro e desesperançado quanto à possibilidade de adequação ao grupo. Sua baixa autoestima é agravada por críticas dos adultos sobre a sua vida ou comportamento, dificultando a possibilidade de ajuda. Tem poucos amigos, é passivo, retraído, infeliz e sofre com a vergonha, medo, depressão e ansiedade; sua autoestima pode estar tão comprometida que acredita ser merecedor dos maus-tratos sofridos. (LOPES NETO, 2005)

São crianças que apresentam aspecto físico mais frágil ou algum traço ou característica que as diferencia dos demais, demonstram insegurança, coordenação motora pouco desenvolvida, extrema sensibilidade, passividade, submissão, dificuldade de autoafirmação e de autoexpressão, ansiedade, irritação e aspectos depressivos. (FANTE; PEDRA, 2008)

Desse modo, o tempo e a regularidade das agressões contribuem fortemente para o agravamento dos efeitos. O medo, a tensão e a preocupação com sua imagem podem comprometer o desenvolvimento acadêmico, além de aumentar a ansiedade, insegurança e o conceito negativo de si mesmo.

O tempo e a regularidade das agressões contribuem fortemente para o agravamento dos efeitos. O medo, a tensão e a preocupação com sua imagem

podem comprometer o desenvolvimento acadêmico, além de aumentar a ansiedade, insegurança e o conceito negativo de si mesmo.

Assim como, pode evitar a escola e o convívio social, prevenindo-se contra novas agressões, mais raramente, pode apresentar atitudes de autodestruição ou intenções suicidas ou se sentir compelido a adotar medidas drásticas, como atos de vingança, reações violentas, portar armas ou cometer suicídio.

É pouco comum que a vítima revele espontaneamente o *bullying* sofrido, seja por vergonha, por temer retaliações, por descrer nas atitudes favoráveis da escola ou por recear possíveis críticas. Em pesquisa realizada pela ABRAPIA 41,6% dos alunos alvos admitiram não ter falado a ninguém sobre seu sofrimento.

O silêncio só é rompido quando os alvos sentem que serão ouvidos, respeitados e valorizados. Conscientizar as crianças e adolescentes que o *bullying* é inaceitável e não será tolerado, permitindo assim o enfrentamento do problema com mais firmeza, transparência e liberdade. (LOPES NETO, 2005)

Os Autores do *Bullying*: percebe-se que algumas condições familiares adversas parecem favorecer o desenvolvimento da agressividade nas crianças, podendo-se identificar a desestruturação familiar, o relacionamento afetivo pobre, o excesso de tolerância ou de permissividade e a prática de maus-tratos físicos ou explosões emocionais como forma de afirmação de poder dos pais.

Os fatores individuais também influem na adoção de comportamentos agressivos, como hiperatividade, impulsividade, distúrbios comportamentais, dificuldades de atenção, baixa inteligência e desempenho escolar deficiente.

São crianças menos satisfeitas com a escola e a família, mais propensas ao absenteísmo e à evasão escolar e têm uma tendência maior para apresentarem comportamentos de risco (consumir tabaco, álcool ou outras drogas, portar armas, brigar, outros). As possibilidades são maiores em crianças ou adolescentes que adotam atitudes antissociais antes da puberdade e por longo tempo. (IDEM)

O autor de *bullying* é tipicamente popular; tende a envolver-se em uma variedade de comportamentos antissociais; pode mostrar-se agressivo inclusive com os adultos; é impulsivo; vê sua agressividade como qualidade; tem opiniões positivas sobre si mesmo; é geralmente mais forte que seu alvo; sente prazer e satisfação em dominar, controlar e causar danos e sofrimentos a outros.

Em geral, são indivíduos imaturos, apresentam comportamento dispersivo e dificuldade de concentração, apresentam comportamento irritadiço, provocador, irrequieto, buliçoso, dispersivo, ofensor, intolerante, de costumes irritantes e quase sempre são responsáveis por causar tensões no ambiente em que se encontram. (OLWEUS, 1998, apud FANTE; PEDRA, 2008)

Pode manter um pequeno grupo em torno de si, que atua como auxiliar em suas agressões ou é indicado para agredir o alvo. Dessa forma, o autor dilui a responsabilidade por todos ou a transfere para os seus liderados. Esses alunos, identificados como assistentes ou seguidores, raramente tomam a iniciativa da agressão, são inseguros ou ansiosos e se subordinam à liderança do autor para se proteger ou pelo prazer de pertencer ao grupo dominante.

Os Alvos/Autores de *Bullying*: aproximadamente 20% dos alunos autores também sofrem bullying, sendo denominados alvos/autores. A combinação da baixa autoestima, atitudes agressivas e provocativas é indicativa de uma criança ou adolescente que tem como razão para a prática de bullying, com prováveis alterações psicológicas, devendo merecer atenção especial.

Podem ser depressivos, inseguros e inoportunos, procurando humilhar os colegas para encobrir suas limitações. Diferenciam-se dos alvos típicos por serem impopulares e pelo alto índice de rejeição entre seus colegas e, por vezes, pela turma toda. Sintomas depressivos, pensamentos suicidas e distúrbios psiquiátricos são mais freqüentes nesse grupo.

São aquelas crianças que são ou foram vitimizados e que acabam reproduzindo os maus-tratos sofridos. Integram-se a grupos para hostilizar seu agressor ou elegem uma outra vítima como 'bode expiatório'. Elas adotam as atitudes de intimidação das quais foram vítimas ou apóiam explicitamente os que assim procedem.

Em casos extremos, são aqueles que se munem de armas e explosivos e vão à escola em busca de justiça. Matam e ferem o maior número possível de pessoas e dão fim à própria existência. (FANTE; PEDRA, 2008)

As Testemunhas do *Bullying*: representam a maioria dos alunos de uma escola, entretanto, eles não sofrem e nem praticam o *bullying*, mas sofrem suas

consequências, por presenciarem constantemente as situações de constrangimento vivenciadas pelas vítimas.

Muitas testemunhas ou espectadores repudiam as ações dos agressores, mas nada fazem para intervir. Porque a maioria dos alunos não se envolve diretamente em atos de bullying e geralmente se cala por medo de ser a 'próxima vítima', por não saberem como agir e por descrerem nas atitudes da escola. Esse clima de silêncio pode ser interpretado pelos autores como afirmação de seu poder, o que ajuda a acobertar a prevalência desses atos, transmitindo uma falsa tranquilidade aos adultos.

Além de que, grande parte das testemunhas sente simpatia pelos alvos, tende a não culpá-los pelo ocorrido, condena o comportamento dos autores e deseja que os professores intervenham mais efetivamente. Cerca de 80% dos alunos não aprovam os atos de bullying. Há os que apóiam e incentivam dando risadas, consentindo com as agressões, outros fingem se divertir com o sofrimento das vítimas como estratégia de defesa. Esse comportamento é adotado como forma de proteção, pois temem tornarem-se as próximas vítimas. (FANTE; PEDRA, 2008)

No entanto, a forma como reagem ao bullying permite classificá-los como auxiliares (participam ativamente da agressão), incentivadores (incitam e estimulam o autor), observadores (só observam ou se afastam) ou defensores (protegem o alvo ou chamam um adulto para interromper a agressão).

Muitas testemunhas acabam acreditando que o uso de comportamentos agressivos contra os colegas é o melhor caminho para alcançarem a popularidade e o poder e, por isso, tornam-se autores de *bullying*. Outros podem apresentar prejuízo no aprendizado; receiam ser relacionados à figura do alvo, perdendo seu status e tornando-se alvos também; ou aderem ao bullying por pressão dos colegas.

Quando as testemunhas interferem e tentam cessar o *bullying*, essas ações são efetivas na maioria dos casos. Portanto, é importante incentivar o uso desse poder advindo do grupo, fazendo com que os autores se sintam sem o apoio social necessário. (LOPES NETO, 2005)

Sendo assim, alvos, autores e testemunhas enfrentam consequências físicas e emocionais de curto e longo prazo, as quais podem causar dificuldades acadêmicas, sociais, emocionais e legais. Evidentemente, as crianças e

adolescentes não são acometidas de maneira uniforme, mas existe uma relação direta com a frequência, duração e severidade dos atos de bullying.

No entanto, há de se tomar o devido cuidado para não creditarem ao *bullying* todas as situações de violência que ocorrem na escola, mas perceber se essa violência constitui ações deliberadas e repetitivas, desequilíbrio de poder, ausência de motivação evidente e sentimentos despertados. É imprescindível que se analise também o grau de comprometimento da vitimização, que pode ser considerado leve, moderado e crônico.

Além de que, a de se reconhecer que a violência é um problema social, assim, a escola tem papel fundamental na sua redução, por meio de ações e programas preventivos, em parceria com as famílias dos alunos e os diversos atores sociais, para garantir a sua eficácia. Por isso, é fundamental que em cada escola se constitua uma comissão ou equipe que possa articular políticas preventivas e capacitar seus profissionais para atuar de forma segura, sem correr riscos desnecessários. (FANTE; PEDRA, 2008)

Portanto, é preciso que a escola reconheça a existência do fenômeno e, sobretudo, esteja consciente de seus prejuízos para a personalidade e o desenvolvimento socioeducacional dos estudantes. Bem como, a escola deve capacitar seus profissionais para observação, identificação, diagnóstico, intervenção e encaminhamentos corretos, levar o tema à discussão com toda a comunidade escolar e traçar estratégias preventivas que sejam capazes de fazer frente ao fenômeno.

## 1.2 A LINGUAGEM ORAL E ESCRITA

### 1.2.1 A Aquisição da Linguagem Oral

A linguagem humana é entendida à medida que se acompanha a evolução humana, porque é inseparável acompanhar a evolução dos grupos sociais, da cultura e da produção sistemática de ferramentas que exercem influência sobre o próprio homem.

Isso significa que, enquanto agia sobre o mundo natural, foi-se criando um poderoso instrumento que lhe permitiu interagir não somente com o meio natural,

mas também com o meio social. E conseqüentemente transforma as pessoas à medida que evolui socialmente.

O indivíduo nasce imerso em um mundo em que os sistemas de relações foram constituídos ao longo de um processo histórico, isto é, ele nasce em grupos sociais que por necessidade de sobrevivência criaram códigos que servem para comunicar os conhecimentos adquiridos aos demais integrantes e àqueles que estão iniciando na vida social. (MENDONÇA, 2008)

Portanto, de acordo com Zorzi (1994), entende-se por linguagem:

A linguagem deve ser concebida no contexto da interação social, não simplesmente como meio de transmissão de informação, mas sim como projeção das próprias pessoas, veículo de trocas, de relações, como meio de representação e comunicação. Neste sentido, a linguagem possui uma dinâmica, que implica a participação do outro, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo infantil. A linguagem é por um lado, um meio de interação, de relação e de construção do conhecimento; e, por outro lado, algo que a criança precisa conhecer e dominar: linguagem como meio e objetivo do conhecimento ao mesmo tempo. (ZORZI, 1994 apud SEED, 1999, p. 20)

Assim sendo, a aquisição da linguagem é o fator de interação social, pois será a linguagem que permitirá a comunicação entre os indivíduos, a troca de informações e de experiências. Sendo assim, a criança ao atingir aproximadamente os dois anos, começa a falar, e as pessoas à sua volta não se dão conta de que algo maravilhoso está acontecendo.

A mãe, então, ao cuidar do seu bebê, geralmente pronuncia sons da fala humana; a criança tem uma tendência natural a emitir sons aleatórios. Alguns dos sons do bebê se parecem com os que a mãe faz, por isso ficam associados com o alívio e a satisfação que sua presença e seus cuidados lhe trazem. Desse modo, “o bebê tende, então, a emitir esses sons com uma freqüência maior que outros de seu repertório, e aos poucos descobre que esses sons não só o satisfazem como também produzem respostas desejáveis de seus pais”. (D’ANTINO; SILVA, 1998, p.19)

Vygotsky, (1998, citado por Mendonça, 2008, p. 25) diz que “o balbucio e o choro da criança, mesmo suas primeiras palavras, são claramente estágios de desenvolvimento da fala que não têm relação com a evolução do pensamento.” Desse modo, a criança vai aprendendo com a fala a partir daquele repertório que

não foi apreendido por ela, mas que é próprio das pessoas que convivem com ela.

Ao fazer uso da linguagem o sujeito requer a construção de um repertório de significações compatíveis com a possibilidade de discutir ideologias, fazer uso de metáforas e explicar suas relações com o mundo de uma maneira representacional ou na acepção de Morato (2001, apud Mendonça, 2008, p. 26) “expressar a presença da cultura na língua e no discurso, devendo, então, compreender como a criança produz e constrói sentido.”

Pois a criança deverá construir essas representações por meio dessa fala obtida pela interação com o outro, e ir a seu próprio discurso. A criança, então, vai incorporando modos e conceitos da fala dos outros e pode fazer uso dela em situações de interação, opinando e discursando sobre suas referências organizadas na sua atividade.

Assim, é por meio da linguagem que se permite que as conquistas alcançadas ao longo de milhares de anos sejam assimiladas. E quando a criança entra para a escola, ao aprender a ler e a escrever e a manejar números, estará apropriando-se de toda a experiência humano-social que levou séculos para ser construída e que está sendo continuamente modificada pelo conjunto dos homens.

Entendendo-se a linguagem como a apropriação, efetivada pelo sujeito mediante realidades interacionais e o uso dos instrumentos sociais de comunicação – língua –, construindo formas de elocuições que tenham a finalidade de expressar sentimentos, opiniões e posicionamentos sobre si, o outro e a realidade que o cerca. (MENDONÇA, 2008)

No entanto, há a necessidade de se diferenciar o que é fala e o que é língua. Fala é a capacidade de emitir sons e ruídos especiais, notadamente, à capacidade de ajustar os músculos da boca e em torno desta, assim como os do aparelho fonador, de modo a produzirem sons articulados de fala. Língua é a capacidade de entender o que está sendo dito e de construir falas. Tanto a fala como a língua dependem da existência de mecanismos fisiológicos no sistema nervoso central.

Dessa forma, a mais importante característica da fala humana é que ela habilita os indivíduos a comunicar sobre tudo, mesmo que tenha de criar novas palavras ou expressões para fazê-lo. A capacidade para formar ou aprender novas palavras e para transmitir essas novas palavras a outros membros da sociedade significa que a linguagem humana pode se desenvolver independentemente de

quaisquer novas mudanças genéticas, isto é, cada pessoa nasce com aptidão de aprender uma língua – não apenas a língua particular do próprio país, mas qualquer língua falada por qualquer ser humano. (MILLER, 1976, citado por BALLONE, 2004)

Porque se pode entender que o surgimento do indivíduo pela linguagem depende dos processos mentais que ele irá constituir ao longo de seu desenvolvimento, pois eles não foram dados *a priori*. Além de que, ao aprender a falar, a pensar e a memorizar, a criança vai elaborando processos mentais que darão suporte ao conhecimento socialmente produzido, cuja escola tem a função de mediá-lo para a criança.

Dessa maneira, enquanto a fala está para o corpo, a linguagem está para o social, em que a fala é uma atividade determinada por comandos internos, a linguagem é produzida pelas trocas sociais de experiências significativas. Essas trocas devem ser codificadas por sinais, códigos e enunciados convencionados para a apropriação da comunidade falante, para que, socialmente, elas ocorram. (MENDONÇA, 2008)

Portanto, as informações contidas nas palavras articuladas tendem a serem ambíguas e os processos de construção da fala dependem das estruturas sensíveis do cérebro humano. O processamento da linguagem tem papel fundamental na constituição do indivíduo pensante, pois a sua maneira de construir significados da fala depende da forma com a qual o indivíduo estará construindo seus conceitos sobre os objetos e as relações sociais.

Assim sendo, se o indivíduo constitui estes conceitos ao ter experiências contextuais, à medida que este mantém interações e consegue fazer uso da linguagem, ele pode construir um referencial conceitual que lhe permitirá integrar-se a outras pessoas para aprender. A linguagem, então, vinda das relações sociais possibilitará a construção de conceitos e sentidos, que agregarão valor simbólico às suas interações. (IDEM)

Em síntese, a aquisição da linguagem oral depende de algumas funções importantes que são constituídas nas relações sociais. Em que, primeiramente, está a questão da apropriação da função simbólica, que vem da internalização dos conceitos sociais produzidos nas relações culturais. Segundo, a importância do processamento dos sons, da gesticulação e da formação das primeiras palavras, vindo da interação com a fala adulta. E, finalmente, está a importância das trocas

simbólicas entre criança e outros indivíduos mais experientes linguisticamente, na formação dos conceitos de linguagem sobre os objetos. (MENDONÇA, 2008)

### 1.2.2 A Linguagem Escrita

O sujeito utiliza a linguagem como elemento de posicionamento social e cognitivo, porque na sociedade em que ele vive, ter acesso ao conhecimento e às formas de sua produção o coloca de forma diferenciada em relação aos que também têm e aos que não têm. Desse modo, a linguagem faz com que se possam assumir papéis sociais e autoafirmar sobre quem é ou deixa de ser, manifestando o interior dos pensamentos da pessoa que fala. (MENDONÇA, 2008)

A criança, ao dar início ao seu processo de alfabetização, já domina a fala e pode ser considerada uma falante nativa com grande domínio da língua. No caso, a língua falada é o português, e a escola referida é prioritariamente a escola pública, em que acolhe a maioria da população infantil brasileira.

A escrita é considerada um marco de passagem da pré-história para a história; é principalmente a partir do registro escrito que se recompõe a forma de vida de um povo em uma determinada época. (BARBOSA, 1992)

A história da escrita anda junto com o desenvolvimento da civilização. Alguns dizem que a origem da escrita foi a 50.000 anos de nossa era (com incisões em pedra ou osso) e em 30.000 anos antes da nossa era (figuras gravadas ou pintadas). Os pictogramas constituem a primeira grande invenção do homem no domínio da escrita.

Entretanto, outros estudiosos pensam de forma diferente, pois eles registram a escrita suméria como a mais antiga, levando em conta seu caráter de escrita e não de pintura. Esta cultura antiga da Mesopotâmia, a dos sumérios, criou as primeiras cidades.

Os egípcios, anos depois, desenvolveram a escrita hieroglífica, constituída de belos sinais encontrados em seus túmulos, pirâmides, outros. Eles registraram textos religiosos e documentos importantes em papiros.

Surgiram várias classificações dos tipos de escrita. E a de M. Cohen é uma das mais conhecidas. Ele distingue três etapas: (<http://www.lendo.org/a-historia-da-lingua-escrita>)

1. A dos pictogramas, arcaica e figurativa, que representa do conteúdo da língua;
2. A dos ideogramas, sinais que representam de modo mais ou menos simbólico o significado das palavras;
3. A dos fonogramas, sinais abstratos que representam elementos de palavras ou de sons, como nas escritas alfabéticas.

Um sistema de intercomunicação humana por meio de signos convencionais visíveis, visuais é como se constitui a escrita. Há três grandes avanços na construção histórica da escrita: o princípio sumério da fonetização; a escrita silábica semítica ocidental e o alfabeto grego. Em que nessa evolução se busca simplificação, economia e agilidade na representação.

Desse modo, a escrita é mais conservadora que a língua falada e tem um poder restritivo sobre o desenvolvimento natural de um idioma; a forma como o sujeito usa o idioma na escrita é mais antiga, rígida e convencional que a forma como usa esse mesmo idioma na fala cotidiana. Assim sendo, o sujeito emprega em sua escrita uma forma distinta de sua fala.

Então, a tentativa humana nos seus primórdios foi reproduzir um sistema gráfico que espelhasse a fala, e baseado nesse aspecto específico dos sistemas alfabéticos, originaram-se todas as metodologias de alfabetização em uso até o presente ano, pois durante muitos séculos, a escrita foi utilizada pela maioria da população, usufruindo essa característica desses sistemas. (BARBOSA, 1992)

Há de se notar que os dois momentos de aquisição da linguagem: oral e escrita geram modificações cognitivas na mente das pessoas, para Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1982, citadas por Mendonça, 2008, p. 144), viam a escrita como um objeto a ser conhecido, ou seja, apoiadas pelo modelo de Piaget, a criança age sobre o objeto, constrói ideias sobre o seu funcionamento e seus modos de representação.

Assim sendo, para as autoras, a aprendizagem da escrita é resultado de um processo de construção cognitiva que se estabelece pela interação entre o sujeito e a escrita enquanto objeto de conhecimento culturalmente contextualizado. Sendo a prática cognitiva do sujeito preponderante, em que o sujeito constrói concepções do

ato de escrever, e a escrita, uma vez posta no contexto do indivíduo, serve para ele como objeto de análise e objeto de compreensão. (MENDONÇA, 2008)

A concepção de língua escrita que permeia as metodologias tradicionais é a de um código de transcrição de sinais sonoros (a fala) em sinais gráficos (a escrita). Assim sendo, o processo de alfabetização e letramento é a aquisição de uma técnica de codificação do oral (para escrever) e da decodificação da escrita (para ler).

Luria e Vygotsky (1987, *apud* Mendonça, 2008, p. 146) sugerem que a escrita transformou significativamente o discurso e a linguagem em objetos de reflexão e análise. Desse modo, a linguagem, para ambos os autores, produzida socialmente vai exercer forte influência sobre o modo de pensar da criança, criando uma ressignificação dos conceitos sociais.

Portanto, apropriar-se da leitura e da escrita é uma atividade complexa; instrumental; constituída nas interações sociais em que professor e aluno, aluno e aluno, em uma prática mediada pelos signos, trocam experiências sobre os registros. Por isso transpor a forma sonora da fala para escrita, por si só já se constitui em uma tarefa cognitiva de grande complexidade.

Permitindo à criança ou adolescente refletir sobre seu discurso, organizando-o de forma a tornar claro seu pensamento para que outro indivíduo possa apropriar-se de sua experiência social.

Tradicionalmente, a linguagem utilizada na escola coloca em evidência as diferenças entre grupos sociais e gera discriminação e fracasso: variantes linguísticas socialmente estigmatizadas, usadas por alunos provenientes de camadas populares, provocam preconceitos linguísticos e resultam em dificuldades de aprendizagem. Então, a escola usa e quer ver ser usada a variante padrão, socialmente prestigiada. (SOARES, 1991)

Assim, os professores precisam ter consciência de que os conhecimentos, para poderem ser ensinados, passam necessariamente por uma transformação em relação aos seus contextos de origem, porém, é muito importante evitar que nesta transformação percam seu significado, seu sentido original.

Porque ao mesmo tempo em que se preserva o sentido do objeto do conhecimento é indispensável que se proteja o sentido deste saber do ponto de vista do sujeito que trata de reconstruir esse objeto, isto é: a criança. Por essa razão, a

transposição didática deve implicar em fidelidade ao saber de origem assim como fidelidade às possibilidades do sujeito de atribuir um sentido ao dito saber.

Portanto, o ensino da *lecto* – escrita tem se baseado em certas pressuposições que à luz das investigações mencionadas e questionadas. Uma delas é a de que o sistema alfabético de escrita é natural e que a única dificuldade consiste em aprender as regras de correspondência entre fonema e grafema, e, partindo dessa suposição, para aprender a ler e a escrever é necessário ressaltar fundamentalmente o aspecto sonoro. (TEBEROSKY, 1991, citada por ZACHARIAS, 2008)

Nesse contexto, a linguagem escrita é de suma importância para o embasamento desse projeto, visto que, é por meio dela que os alunos têm demonstrado suas angústias e infelicidade quando são alvos de *bullying*. Assim como, para aqueles alunos que são praticantes dele.

Percebeu-se que em produções textuais produzidas por alunos de quinta e sextas séries, esse comportamento é visível em seus textos. Portanto, para a segunda etapa desse projeto se verá como a linguagem dos alunos de quinta e sexta séries é modificada mediante o fenômeno *bullying* e como isso afeta o comportamento daqueles que estão envolvidos direta ou indiretamente nesse processo.

### 1.3 A PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL

A psicopedagogia irá auxiliar no processo de ensino-aprendizagem assim sendo, ela enfocará a investigação da criança ou adolescente que não aprende, partindo de uma queixa, reclamação, de um sintoma, ou seja, de algo que não vai bem com o indivíduo e seu processo de aprendizagem.

Pois ela objetiva a aprendizagem humana, surgindo de uma demanda, isto é, as dificuldades de aprendizagem, colocada em um espaço pouco explorado, situado além dos limites da Pedagogia e Psicologia. (PORTO, 2007)

Por aprendizagem, entende-se, de acordo com a concepção de Campos (2003 *apud* PORTO, 2007, p.15) como “um processo fundamental da vida. Todo indivíduo aprende e, por meio da aprendizagem, desenvolve os comportamentos

que o possibilitam viver. Todas as atividades e realizações humanas exibem os resultados da aprendizagem”.

O objetivo da Psicopedagogia é a eliminação do sintoma ou queixa (reclamação de algo que não vai bem com o indivíduo, ou seja, com seu processo de aprendizagem). E a função do psicopedagogo é o de solucionar rapidamente os efeitos nocivos do sintoma para logo depois dedicar-se a afiançar os recursos cognitivos. (PAIN, citada por PORTO, 2007)

As áreas de atuação da Psicopedagogia:

- Clínica: escolar, hospitalar, consultório em equipe multidisciplinar.
- Institucional: escolar, hospitalar, empresarial.

A Psicopedagogia Clínica objetiva o diagnóstico clínico enfocando a dificuldade de aprendizagem. É na clínica que o psicopedagogo trabalhará, isto, é, fará entrevista inicial com os pais ou responsáveis que farão a queixa sobre a criança ou adolescente; o psicopedagogo não pode perder de vista de que esse indivíduo é acima de tudo: cognitivo, afetivo, social, pedagógico e corporal. (LOPES, 2006)

Isto significa que, o indivíduo deve ser visto como um todo e não se pode identificá-lo por partes. Então, se faz necessário perceber que esse indivíduo possui conhecimentos, afetos, se relaciona com os outros, faz parte de um contexto escolar, se organiza de uma determinada maneira.

Os instrumentos para a realização de uma avaliação que o psicopedagogo irá utilizar durante as sessões diagnósticas são:

*Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem – E.O.C.A:* forma de primeiro contato com o sujeito, uma primeira entrevista. Apresenta-se o material: folhas brancas, papel pautado, folhas coloridas, lápis preto novo sem ponta, apontador, borracha, régua, tesoura, cola revistas e livros; e depois se solicita ao indivíduo que este mostre o que ele sabe fazer, o que aprendeu, o que tem vontade de fazer.

*Sessão Lúdica ou Observação Lúdica:* envolve o brincar, o lúdico.

*Provas Operatórias:* investiga o nível de desenvolvimento cognitivo já construído pelo indivíduo, utilizam-se os trabalhos desenvolvidos por Jean Piaget.

*Provas Projetivas Psicopedagógicas:* o indivíduo desenha a partir de técnicas projetivas específicas como: domínio familiar, domínio escolar e consigo mesmo.

*Provas Pedagógicas*: investiga o desempenho do indivíduo nos conteúdos escolares. (LOPES, 2006)

Sendo assim, o papel do psicopedagogo é de argumentar, impor contradições e agir com o sujeito, e que reúna atividades que solicitem do indivíduo a reconstituição de seus procedimentos bem como a compreensão dos mesmos.

E tem-se a Psicopedagogia Institucional (PI) que se voltará para a instituição escolar, em que ela pode desenvolver uma prática que aborde o ensino-aprendizagem dentro da escola visando à administração das mudanças necessárias.

Na avaliação da Psicopedagogia Institucional devem ser observadas questões como organização e planejamento curriculares, flexibilidade ou centralização na aplicação dos saberes, sistema de avaliação compatível com as estratégias de ensino, entre outros. Percebe-se, então, que a preocupação consiste no fracasso escolar de maneira geral, aqui não será um ou dois alunos com problemas de aprendizagem, e sim vários; ou de uma mesma classe ou de classes diferentes. (GOULART, 2007)

Desta maneira, há de se cuidar da instituição, de observar o que está certo e o que atrapalha para o desenvolvimento cognitivo dos alunos. Caberá ao psicopedagogo focar a atenção na queixa ou sintoma; realizar avaliação diagnóstica clínica e orientação ao professor, bem como elaborar um projeto de intervenção clínica caso a queixa estiver relacionada ao aluno com dificuldade de aprendizagem; elaboração conjunta de projetos na busca de soluções para a queixa relacionada a determinadas funções e, ou relações disfuncionais na instituição.

O Psicopedagogo deve respeitar as normas, o regimento interno, o planejamento de atividades e ao propor qualquer tipo de mudança, tomar cuidados específicos para não comprometer o trabalho em seu todo. (GOULART, 2007)

Antigamente, quando a criança não aprendia, ela era a culpada pelo seu fracasso, mas nos dias atuais de 2009, há uma tendência de se focar a instituição, porque é na escola que crianças e adolescentes passam boa parte de suas vidas e é lá que os problemas acontecem e, ou se refletem como: altas taxas de reprovação, evasão escolar, indisciplina, repetências constantes, outros. (IDEM)

A escola hoje em dia não é a mesma de décadas passadas em que era protegida dos problemas que assolavam a sociedade, hoje a escola é tomada pelo fracasso dos alunos que não aprendem, pela violência dos que não podem a ela

adentrar, pela violência dos que estão lá dentro e não aceitam mais o modelo imposto, pelos pais preocupados, pela comunidade que recebe profissionais mal preparados. (GOULART, 2007)

Com isso, as desigualdades vão se construindo dentro do ambiente escolar, sem que os agentes responsáveis se dêem conta da verdadeira causa de alguns problemas e culpam ora os alunos ora os professores. Desta maneira, se faz necessária uma intervenção na instituição escolar para que se detecte a causa do problema e se faça uma ação mediadora em que auxilia:

- A compreensão, por parte de todos os envolvidos, desses novos caminhos;
- A conscientização das mudanças internas que ocorrerão em cada um em particular;
- A necessidade da ação conjunta, pois sozinho pode ser cansativo e desanimador.

Para uma ação de intervenção pode-se utilizar o método de projetos, porque são enriquecedores e lúdicos, permitem refletir, discutir, criticar, planejar e organizar, além de dar oportunidades iguais a todos os participantes, divertir e permitir a criatividade.

No entanto, para se concretizar os projetos, precisa-se:

- Que partam de uma queixa ou sintoma;
- Os envolvidos estejam com vontade de solucionar a queixa;
- A escola disponha de tempo para a organização do projeto;
- Os objetivos estejam muito claros;
- Estabeleça-se um cronograma;
- Elabore-se um modelo de avaliação final;
- Os envolvidos trabalhem com ética e respeito às diferenças. (GOULART, 2007)

Portanto, o trabalho com projetos visa 'solucionar' a queixa apresentada pela instituição, seja feita por causa de alunos com dificuldades de aprendizagem ou relacionadas à instituição como promotora do processo de ensino e aprendizagem.

## **2. COMO A PRÁTICA DO BULLYING PREJUDICA A LINGUAGEM ORAL E ESCRITA DOS ADOLESCENTES**

### **2.1 A ADOLESCÊNCIA**

A Organização Mundial da Saúde define a adolescência como sendo a faixa etária de dez a vinte anos, do ponto de vista cronológico. De acordo com o critério físico, a adolescência abrange as modificações anatômicas e fisiológicas que transformam a criança em adulto, correspondendo ao período que vai desde o aparecimento dos caracteres sexuais secundários e início da aceleração do crescimento, até o apogeu do desenvolvimento com a parada do crescimento. (COLI, 1994).

Sob o ponto de vista psicológico, o adolescente passa por desequilíbrios e instabilidades extremas. Em nosso meio cultural, mostra períodos de elação, de introversão, alternando com audácia, timidez, descoordenação, urgência, desinteresse ou apatia, que se sucedem ou são concomitantes com conflitos afetivos, crises religiosas, nas quais se pode oscilar do ateísmo anárquico ao misticismo fervoroso, intelectualizações e postulações filosóficas, ascetismo, condutas sexuais dirigidas para o heteroerotismo e até a homossexualidade ocasional. (ABERASTURY; KNOBEL, 1992).

E para completar do ponto de vista social, a adolescência corresponde a um período da vida, no qual o indivíduo perde direitos e privilégios de criança e começa a assumir direitos e responsabilidades de adulto (COLI, 1994). Com isso, o adolescente realiza três lutos fundamentais: a) o luto pelo corpo infantil perdido; b) o luto pelo papel e identidade infantis; c) o luto pelos pais na infância.

Para se compreender a adolescência deve-se em conta os aspectos psicológicos, físicos, cognitivos, socioculturais e econômicos. Em que cada aspecto se constitui em:

Aspectos fisiológicos:

- Mudanças corporais (caracteres sexuais secundários) devido à segregação e libertação para a corrente sanguínea dos hormônios (estrogênios e progesterona nas mulheres e testosterona nos homens) pelas glândulas sexuais;

- Início do funcionamento dos órgãos sexuais, que vão marcar a sexualidade adolescente por uma genitalidade e possibilitar a capacidade da função reprodutora, adquirindo o sistema endócrino um papel fundamental nas transformações que ocorrem na puberdade.

Aspectos afetivos:

- O jovem tem tendência a isolar-se, a voltar-se para si próprio, para se entender mais profundamente enquanto pessoa;
- O melhor amigo surge como o confidente e o companheiro nas transformações sentidas;
- Os adolescentes vivem com grande ansiedade as transformações do seu corpo;
- Mudanças de humor súbitas;
- Os modelos de identificação deixam de serem os pais e passam a ser o grupo de pares;
- O adolescente tem de assumir uma imagem corporal sexualizada.

Aspectos intelectuais:

- Obtenção de maturidade intelectual: o pensamento formal vai abrir novas perspectivas, porque o jovem vai criticar e interrogar o futuro e a sociedade.
- Desenvolvimento do raciocínio hipotético-dedutivo: o adolescente vai projetar a sua vida para o futuro (pode jogar mentalmente com várias hipóteses).
- Capacidade de abstração: existência da reflexão antes da ação.
- Segundo Piaget verifica-se a construção de um sistema pessoal – egocentrismo intelectual: o jovem sente-se o centro e as suas teorias sobre o mundo aparecem como as únicas corretas.

Aspectos sociomorais:

- O jovem interessa-se por problemas éticos e ideológicos: defende os seus valores com grande radicalidade;
- Desejo de uma perfeição moral
- Expressão de um grande altruísmo por parte dos adolescentes
- Há a conscientização do novo estatuto e papel na comunidade.

A adolescência caracteriza-se por uma grande ambivalência de crescer e de regredir; assim o adolescente projeta-se no futuro, mas sempre com uma ligação

com o passado, procurando a sua autonomia e dependência, existindo um conflito entre o sentimento de criança e de adulto. Portanto, é uma época que implica confusão, perturbação de valores, inibições, crises neuróticas e psicóticas, ocorrendo adolescências retardadas e prolongadas, com um elevado grau de isolamento e com mecanismos defensivos. É das interações com o meio, das relações estabelecidas, reais ou fantasiadas que resulta o próprio eu.

Sob o ponto de vista cognitivo a fase da adolescência se encontra saindo do estágio da inteligência operatória concreta e entrando para o estágio da inteligência formal, segundo o estudioso Jean Piaget (1975).

Sendo que, no estágio das operações concretas, mais ou menos dos sete aos onze anos, a criança já possui uma organização mental integrada, os sistemas de ação reúnem-se em todos integrados. Piaget (1975) fala em operações de pensamento ao invés de ações. É capaz de ver a totalidade de diferentes ângulos. Conclui e consolida as conservações do número, da substância e do peso. Apesar de ainda trabalhar com objetos, agora representados, sua flexibilidade de pensamento permite um sem número de aprendizagens.

No estágio das operações formais, mais ou menos dos doze anos em diante, ocorre o desenvolvimento das operações de raciocínio abstrato. A criança se liberta inteiramente do objeto, inclusive o representado, operando agora com a forma (em contraposição a conteúdo), situando o real em um conjunto de transformações.

A grande novidade do nível das operações formais é que o sujeito torna-se capaz de raciocinar corretamente sobre proposições em que não acredita, ou que ainda não acredita que ainda considera puras hipóteses. É capaz de inferir as conseqüências. Iniciam-se os processos de pensamento hipotético-dedutivos.

Então, o pensamento do adolescente se difere do pensamento da criança, porque a criança consegue chegar a utilizar as operações concretas de classes, relações e números, mas não as utiliza num sistema fundido único e total que é caracterizado pela lógica do adolescente. E ele constrói teorias e reflete sobre seu pensamento, o pensamento formal constitui uma reflexão da inteligência sobre si mesma, um sistema operatório de segunda potência, que opera com proposições.

O adolescente, ainda, apresenta a lógica das proposições relacionando-a a estrutura de classes e das relações, apresenta o raciocínio hipotético-dedutivo, em que, o pensamento formal é explicado pelo fato de se poderem estabelecer as

coordenações entre os objetos que também se originam de determinadas etapas da maturação deste sujeito.

Assim sendo, a adolescência não é marcada apenas por dificuldades, crises, mal-estares, angústias, pois ao se abandonar a atitude infantil e ingressar no mundo adulto, há uma série de acréscimos no rendimento psíquico. O intelecto, por exemplo, apresenta maior eficácia, rapidez e elaborações mais complexas, a atenção pode se apresentar com aumento da concentração e melhor seleção de informações, a memória adquire melhor capacidade de retenção e evocação, a linguagem torna-se mais completa e se complexa com aumento do vocabulário e da expressão.

O desenvolvimento cognitivo e afetivo, durante a adolescência é útil para a compreensão de muitos aspectos do comportamento do adolescente, até então apenas atribuído à puberdade ou o despertar da sexualidade. O desenvolvimento, nessa perspectiva ocorre pelo desenvolvimento intelectual e afetivo necessário e que tem lugar durante a aquisição das operações formais. (PIAGET, 1975)

## 2.2 A LINGUAGEM ADOLESCENTE E O *BULLYING*

A socialização é o processo pelo qual os indivíduos adquirem padrões de comportamento que são valorizados pelo grupo e adequados para sua adaptação ao ambiente social. Dessa maneira, se faz necessário entender como dá a construção da moral na criança, visto que, a moral acha-se intimamente relacionada com os atos conscientes e voluntários dos sujeitos que afetam outros sujeitos, determinados grupos sociais, ou a sociedade em seu conjunto. (GIANCATERINO, 2008)

Há de se notar que os problemas disciplinares ganham em dimensão e em quantidade no dia-a-dia das escolas, portanto, discutir o tema moralidade implica em uma análise muito precisa das relações que o sujeito desenvolve com outras pessoas, uma vez que, trata-se de um processo no qual a definição de regras é o limite caracterizado pela necessidade de manter o respeito como conceito fundamental.

Assim sendo, na perspectiva piagetiana, a formação moral e intelectual do indivíduo deve consistir em alvo de preocupação e de grande interesse por parte dos adultos que convivem com a criança. (BALESTRA, 2007). As raízes do vocábulo

'moral' derivam do latim *mos*, *morus* ou *mores*, no sentido de um conjunto de normas ou regras adquiridas por hábito, reafirmando os ideais piagetianos.

Para Piaget (citado por Balestra, 2007) os sentimentos ou tendências afetivas são manifestados pela criança já no início da sua constituição mental. Desde cedo ela manifesta necessidade de amor, exteriorizando-a por meio de várias maneiras; o medo também está permanentemente presente nas suas relações com o mundo.

Ainda de acordo com Piaget, a criança irá passar por três etapas na construção do juízo moral. A Anomia, predominante até os cinco anos ou seis anos, as regras coletivas ainda não são seguidas pela criança durante essa fase (anomia), porque ela tende à satisfação de suas fantasias simbólicas, concentrando-se apenas em suas atividades motoras.

A Heteronomia ocorre normalmente até os nove ou dez anos de idade, a criança submete-se às regras impostas pelo meio, acatando com total obediência as ordens vindas das outras pessoas. Vê-se esse processo como responsável pela dificuldade apresentada pela criança em conceber as regras como um contrato firmado entre os jogadores, uma vez que ela as vê e as obedece como algo sagrado e imposto pela tradição.

Na Autonomia, alcançável por volta dos onze ou doze anos, pode ser percebida uma inversão total na conduta da criança, tanto no plano da consciência quanto no da prática; as regras, aqui não são mais consideradas sagradas e imutáveis; o acordo mútuo (democracia) pode levar a alterações, quando o objetivo é o bem coletivo. É nessa fase do juízo moral que a coação (respeito unilateral) cede terreno para a cooperação (respeito recíproco). (BALESTRA, 2007)

Compreende-se, então, que o estabelecimento do respeito mútuo requer reciprocidade na troca de opiniões entre as pessoas; esse procedimento representa um poderoso método educativo por permitir que os fatores determinantes das ações que estão em julgamento, sejam elas, boas ou más, possam ser explicitados, discutidos e avaliados no ponto de vista, tanto da criança quanto do adulto.

No entanto, a moral é passível de ser conquistada pela educação; admite-se que os jogos coletivos, apoiados em regras, são suas ferramentas essenciais, desenvolvendo suas pesquisas, inclusive, no antigo jogo de bolinhas de gude para os meninos e o de amarelinha para as meninas.

Na visão piagetiana, a criança constrói o conhecimento e o julgamento moral nas relações que estabelece com os outros; os objetivos educacionais, na escola ou na família, devem priorizar esse aspecto do desenvolvimento infantil. Por isso, a criança deve ter contato com situações que promovam a construção do conhecimento moral, que possam possibilitar o exercício do julgamento moral, para poder solidificar o comportamento moral. (BALESTRA, 2007)

De certa forma, a moralidade obriga o homem a adquirir uma postura a respeito da sua ação, conduzindo-o à reflexão, à definição da personalidade de forma a manter o equilíbrio individual e coletivo. É necessário refletir antes da ação propriamente dita, a fim de que esta seja o resultado conveniente à situação em que o indivíduo está inserido.

Percebe-se que será por meio da linguagem falada que o adolescente expressará o que pensa, no entanto, será pela linguagem escrita é que ele exporá seus sentimentos, seus problemas e suas angústias.

Contudo, para que o adolescente possa se expressar há de se saber ouvir. A adolescência é marcada pela agressividade, rebeldia e a falta de interesse pelas aulas. O jovem entre os onze e treze anos está passando por um período de instabilidade psicológica natural, em que ele revive conflitos típicos da infância. (Nadia Bossa, citada por CAVALCANTE, 2004)

Isso significa que, quando criança de dois ou três anos, essa percebe sua fragilidade, grita, teima, testa os adultos. O adolescente faz o mesmo, ele testa limites dos adultos numa tentativa de estabelecer novos parâmetros de poder sobre sua realidade.

No entanto, há de se ficar atento para essas atitudes inadequadas, uma vez que, agressividade ou problemas de socialização podem ter causas mais sérias, com as quais o adolescente não sabe lidar. Por isso, é importante que o professor conheça o histórico familiar do adolescente para tomar as devidas providências e ações acerca dessa criança.

### 2.3 COMO O *BULLYING* INFLUENCIA A LINGUAGEM ADOLESCENTE

Nesta parte do projeto, a pesquisadora fez um acompanhamento em salas de quinta e sexta séries do ensino fundamental, no ano de 2008, nas aulas de Língua

Portuguesa. Enfocou-se, principalmente, a questão da linguagem escrita e falada, como o *bullying* modifica o linguajar e a escrita desses jovens; sejam eles os autores, alvos ou testemunhas do mesmo. E qual o papel da psicopedagogia nessa situação.

O local dessa pesquisa se deu em um colégio estadual de uma região nobre de Curitiba, que por questões de privacidade, apenas será denominado como CEAM. No ano de 2008, a professora em questão assumiu uma turma de quinta série e três de sexta série. Neste sub-capítulo estarão as produções textuais realizadas pelos alunos da professora sobre temas diversos e outros focados na violência em si.

Desde os primeiros dias de aula, a professora havia notado o comportamento agressivo entre os alunos, bastava se encostarem para saírem aos tapas ou nos xingamentos de baixo calão. Ao serem questionados sobre o ocorrido, prontamente, responderam a ela que era apenas “brincadeirinha”.

É possível perceber que nem sempre toda criança passará por todas as situações saudáveis que sua infância permite, verá situações de agressão, de maus tratos entre outras coisas que a farão se revoltar quando crescer. Como conseqüência a criança em sua fase de 11, 12 anos não consegue lidar com situações em que envolvam a afetividade e o respeito, acham que como são tratados devem tratar os outros, prejudicando assim, a sua aprendizagem.

Ao perguntar para as coordenadoras sobre os alunos reprovados que estavam nas turmas de sexta série, as mesmas relataram que os alunos foram reprovados pelo mau comportamento excessivo em sala de aula, muitos atormentaram tanto um professor de Ciências do ano anterior, que o mesmo pediu ordem de serviço para outra escola afim de que pudesse continuar lecionando.

O vocabulário dos alunos era impossível de se ouvir sem que alguém pedisse para manejar nas palavras ofensivas aos colegas, uma situação que a professora não estava mais aguentando e pior, estavam no início das aulas.

Em todas as três sextas séries havia um grupinho que perturbava os demais alunos, e a sala que mais dava trabalho em relação à indisciplina voltada para a vitimização, era a C. Ali era possível ver que as brincadeiras machucavam os demais alunos, muitos que vieram da quinta série estudiosos e centrados,

começaram a agir como os colegas reprovados. Literalmente, a sala estava um caos.

Por isso a importância da intervenção do psicopedagogo na vida dessa criança, porque por meio dessa intervenção é que se descobrirão quais são seus medos e ansiedades, seus problemas mais íntimos e que a fazem agir descontroladamente. Contudo, nem sempre é possível mandar todos os alunos para atendimentos individuais,

Sem condições de transmitir os conteúdos, ou explicar o que quer que fosse, a professora de Português decidiu tomar uma atitude em relação ao mau comportamento dos alunos. Primeiramente, ela resolveu que a cada semana faria uma dinâmica de grupo com os alunos, para os aproximarem e perceberem que deveriam ter respeito e cuidado com todos os colegas e com seus materiais.

Ela observou que certas atividades lúdicas eram bem-vindas entre os alunos, sendo assim, a proposta baseia-se no oferecimento de dinâmicas para melhorar o relacionamento entre alunos-alunos, alunos-professores, alunos-funcionários.

Pois como já citado no capítulo 1, trabalhar com projetos visa 'solucionar' a queixa apresentada pela instituição (no caso a violência em sala de aula), seja feita por causa de alunos com dificuldades de aprendizagem ou relacionadas à instituição como promotora do processo de ensino e aprendizagem.

Sabe-se que a oficina psicopedagógica tem uma relação estreita com a ludicidade, a brincadeira e o jogo. Numa oficina psicopedagógica, as situações e ações são lúdicas e permitem a construção, desconstrução e a reconstrução do conhecimento. (GRASSI, 2004).

Dessa maneira, ela permitirá a expressão e elaboração de sentimentos e pensamentos, a aprendizagem dinâmica, a inter-relação, a reflexão, a descoberta, a criação, a discussão, a construção gradativa e progressiva do conhecimento que possibilitará a superação das dificuldades enfrentadas no dia-a-dia.

Portanto, ao se desenvolver uma oficina psicopedagógica com intuito de apresentar dinâmicas para a aproximação entre os sujeitos, esses poderão analisar suas produções e atitudes, revendo-as, elaborando-as e modificando-a, podendo inclusive, refletir, discutir e construir formas novas e criativas de ação.

Ao educador que oferece uma oficina motivando os alunos a reverem seus conceitos, haverá muitos benefícios, pois ele, também, irá rever sua prática e suas

atitudes, refletindo sobre elas e, a partir dessa análise, promover mudanças. É um momento de elaborar pensamentos e sentimentos, desenvolver-se e aprender nas relações e ações que se desenrolam durante a oficina.

As oficinas psicopedagógicas podem englobar as seguintes atividades: brincadeiras, jogos, dramatização, música, dança, artes plásticas, produção de textos, dinâmicas de grupo, entre outras.

O trabalho a ser proposto com os alunos dessas classes é com dinâmicas de grupo, porque propicia uma maior interação entre as pessoas, principalmente aquelas em que o objeto central da mesma seja o envolvimento entre os pares.

Na primeira tentativa, pediu que se fizesse uma redação em grupo, isto é, cada colega escreveria um pouco em sua história. Nas salas A e B, a atividade fluiu, mas na C, o desrespeito tomou conta dos alunos e o que era para ser uma atividade prazerosa tornou-se um pesadelo. O que havia escrito naquelas folhas demonstrou a imaturidade e a crueldade dos alunos praticantes do *bullying* em cima dos demais alunos.

Na turma A, pôde-se constatar pela redação do menino M.A., alvo da vitimização, o quanto ele estava sofrendo com a situação em sala de aula: “Eu odeio a violência na escola; tem pessoas que gostam de deixar seu colega sem jeito, com vergonha de tanto xingar, (nessa parte ele utiliza as palavras que dizem para ele). Eu mesmo sou xingado no colégio desse modo, eu não sei porque eles fazem isso, mas eles sabem que eu e ninguém gostamos de ser xingados. Eu quero que esses colegas parem!” Percebe-se certo tremor na escrita de M.A., principalmente, quando ele cita literalmente as palavras pelas quais é xingado.

Um segundo passo para tentar reverter essa situação em sala de aula, foi a criação de um *Blog* – *Blog* é uma abreviação de *weblog*, qualquer registro frequente de informações pode ser considerado um blog (últimas notícias de um jornal on-line por exemplo).

Utilizam-se os *blogs* como diários pessoais, um *blog* pode ter qualquer tipo de conteúdo e ser utilizado para diversos fins. Uma das vantagens das ferramentas de *blog* é permitir que os usuários publiquem seu conteúdo sem a necessidade de saber como são construídas páginas na Internet, ou seja, sem conhecimento técnico especializado. ([http://mundoblog.webng.com/artigo/defin\\_sob\\_blog\\_web\\_flog.html](http://mundoblog.webng.com/artigo/defin_sob_blog_web_flog.html))

Sendo assim, a intenção da professora era demonstrar que os alunos teriam como expressar seus sentimentos, evidentemente, que só foram postadas as produções que os alunos permitiram publicar. A experiência deu certo, em parte, pois os alunos autores da vitimização ainda não participam ativamente da atividade.

Contudo, a professora não desistiu e a cada semana propunha novas atividades para que eles pudessem trabalhar em dupla ou grupo sempre respeitando os colegas. A toda semana as produções iam saindo, a professora ia postando no *blog*, os alunos que sofriam com as brincadeiras de mau gosto dos demais colegas, viam na publicação de seus textos na Internet um modo de serem ouvidos, de compartilhar a dor que vinham sentindo.

Outro exemplo de produção textual realizada por duas alunas da quinta série, em que deveriam fazer uma notícia de jornal, o tema era livre, e novamente o tema violência estava presente:

“O PAPO É: recreio. Muitos alunos da escola na hora do recreio se desentendem se machucam muito, pois não tem noção do perigo, muitas vezes até os pais se desentendem para defender seu filho. Muitas vezes os pais levam seus filhos até a delegacia para fazer corpo delito. Já teve casos de pais serem presos por causa de seus filhos, muitas vezes, os filhos não pensam que podem chegar a esse termo, de seus pais serem presos por sua própria culpa. Sabe-se que os filhos que se provocam não pensando no que pode acontecer já furaram olhos, já se espancaram e a diretora não pôde fazer nada, pois ameaçaram ela também, então precisamos tomar mais cuidado quando provocar os colegas.”

A professora constatou que os alunos, mesmo quando têm a oportunidade de escrever livremente sobre outros temas, ainda se preocupam com a questão da violência e a vitimização nas escolas, percebe-se que o medo incomoda os alunos, principalmente, os alvos. Nessa redação as meninas demonstraram sua preocupação acerca do que acontece na hora do recreio, ao conversar com elas, disseram que o caso tinha acontecido em outra escola, mas poderia muito bem ser ali perto deles.

Num questionário entregue aos alunos, a professora fez diversas perguntas relacionadas à violência na escola e como eles se portariam diante das situações mencionadas. É interessante perceber que nenhum deles respondeu serem os

amigos que fazem maldades com eles e que significa que seja um ato violento. Abaixo algumas considerações acerca das questões levantadas:

Quando questionados sobre o que significava a palavra amor, eles disseram:

Para M. garoto da sexta série: Significa quando uma pessoa se apaixona pela outra, nunca se esquece do amor pelo outro.

Para L. garota: Uma coisa boa que todos devemos sentir.

O garoto I. da quinta série: Amar o próximo e ser respeitado.

A menina V. da sexta série diz que amor significa ter um sentimento pelo outro.

Na questão sobre os valores transmitidos pela família e se eles os seguiam, percebeu-se que todos disseram que seguiam, embora não fosse o que se via em sala de aula:

R. garoto da quinta série responde: respeito, educação e bondade, na medida do possível eu sigo.

A garota A. da quinta série, também diz que segue a educação e o respeito que os pais ensinam a ele.

Para J.F., da sexta série, amor e fé são importantes, e tento fazer sempre.

Na questão sobre a educação na escola, os alunos não entenderam ao certo qual seria essa educação, e muitos disseram o seguinte:

S. aluna da quinta série diz que a escola educa as matérias, mas os alunos não têm respeito.

G. também aluno da quinta série sintetiza: educa, mas a principal educação é aprendida em casa.

L. aluna da sexta série expõe que o dever da escola não é esse, mas de todos os jeitos, ela tenta formar pessoas.

Sobre a maneira como os professores e colegas os tratavam, eles foram unânimes respondendo que estão contentes com o tratamento dos professores, entretanto, com o tratamento dos colegas nem tanto assim, pois têm alunos que fazem maldades. E isso prejudica a aula.

Na definição sobre educação, foi possível constatar que:

A aluna A. da quinta série diz que é respeitar os outros, aprender com os outros e escutar os outros.

T. aluna da sexta série diz que é ter respeito.

R. aluno da quinta série diz que educação é respeitar os outros, não xingar, não brigar.

Para J.F. aluno alvo da vitimização diz que educação é uma coisa que a pessoa aprende, é ter respeito e ordem.

L. aluna da sexta série afirma ser educação, uma coisa que se aprende em casa e é levado para o resto da vida.

Sobre o questionamento de que as pessoas possam ser más porque elas querem ou é um ato impensado, alguns alunos ficaram indecisos, outros foram bem firmes em suas respostas:

H. aluna da quinta série, diz que algumas pessoas fazem o mal sem medir as consequências e outras fazem o mal de propósito e ficam satisfeitas.

A. da sexta série diz que é um ato impensado, porque as pessoas agem por impulso.

J. F. da sexta série, afirma ser a maldade porque querem e a raiva é impensada.

A aluna A. da quinta série acredita que as pessoas são más porque querem, porque não iam matar uma pessoa sem querer.

E o aluno R. Da quinta série conclui que as pessoas podem ser más porque querem, porque elas sabem o que vão fazer.

Na questão sobre ser espancado na rua por um desconhecido ou por algum amigo, os alunos tiveram o seguinte posicionamento:

A aluna V. da sexta série disse que se fosse um estranho sairia correndo e se fosse por uma colega bateria nele.

R. aluno da quinta série também tem uma reação parecida, dizendo que se fosse espancado por um desconhecido iria à polícia e se fosse por um amigo sairia no braço.

L. aluna da sexta série diz que nas duas ocasiões ela procuraria alguém que a pudesse defender.

C. aluna da quinta série disse que se fosse por um desconhecido, procuraria a polícia e se fosse um amigo, acabaria com a amizade.

A. aluno da quinta série disse que em ambas as situações ele ficaria chocado.

A pergunta central do questionário sobre as brincadeiras na escola que os alunos fazem a toda hora se são a favor ou contra e se fazem com os colegas, disseram que:

A aluna S. da quinta série disse não concordar com essas brincadeiras.

Aluna da sexta série A. disse ser essas brincadeiras ridículas, e não faz com seus amigos.

A maioria dos alunos respondeu serem brincadeiras estúpidas e sem graça, mas poderiam fazer com seus amigos.

O questionamento sobre o que é respeito e se há respeito em casa, na escola e entre amigos, alguns alunos ficaram indecisos, pois não entendem que o respeito é mais que uma simples palavra:

E. aluna da sexta série disse que é uma coisa que devemos ter sempre.

A aluna A. da quinta série disse que respeito é educação, em sua casa há respeito e ela procura respeitar professores e colegas na escola.

V. aluna da sexta série, respeito é ter limite, em casa sim, na escola não e entre amigos mais ou menos.

R. aluno da quinta série, respeito é importante e eu tenho em casa e na escola.

E a última questão que dizia sobre o que mudaria em sua vida para que pudesse ser uma pessoa melhor, os alunos responderam que:

L. aluna da sexta série diz que mudaria o jeito de falar tudo o que ela pensa.

A aluna A. da quinta série disse que tentaria melhorar ainda mais o respeito pelo colega.

C. da quinta série, a aluna disse que se importaria mais com os outros.

Há quem respondeu que não mudaria nada, outros que estudariam mais, outros, ainda que seriam mais responsáveis. Durante todo o processo da entrevista os alunos se questionavam entre si, uns demoravam mais que os outros para responder, e os alunos que vitimizam seus colegas não participaram da atividade.

Contudo, há de prestar atenção em qual tipo de agressão o aluno vem fazendo, pois a agressividade natural das crianças, considerada uma atitude adaptativa normal, aumenta com a idade e vai variando, com o passar do tempo, da forma física e instrumental para a forma verbal e hostil. Vai mudando não só a forma da agressividade, como também, o objetivo e a finalidade.

Vê-se que dos quatro aos sete anos, segundo o modelo analítico, a agressividade se manifesta sob a forma de nojo, choros e birra, e em geral se orienta para os pais, tendo como finalidade dar saída ao conflito amor-ódio que gera a internalização das normas morais.

Dos seis até os catorze anos, aparecem outras formas de agressividade e o objetivo das agressões se amplia dos pais aos irmãos. A finalidade, nesta fase, é competir e ganhar. (CEREZO, 1997, citado por BALLONE, 2004).

Sobre a agressividade mal adaptada – aquela que foge do desenvolvimento normal – cerca da metade das crianças qualificadas como agressivas continuarão sendo agressivas em idades mais maduras. Essas crianças com agressividade persistente podem ser aquelas que mostraram um início precoce de sintomatologia hostil, tanto em casa como na escola, aquelas que tiveram problemas de hiperatividade ou condutas anti-sociais dissimuladas e encobertas, tais como roubar ou mentir, durante os primeiros anos escolares. (LYONS-RUTH, 1996, citado por BALLONE, 2004).

Abaixo algumas frases retiradas de redações realizadas durante o ano, algumas envolvendo o tema violência, outras não; mas o tema recorrente sempre esteve presente.

“Respeito é educação e todo mundo deveria se respeitar, respeito aos mais velhos”.

“Violência é uma coisa ruim, ninguém gosta. Por isso respeite os outros e sempre será respeitado”.

“O respeito é muito importante para todos. E é a melhor maneira de acabar com a violência no mundo”.

“Respeito é também dignidade entre os seres humanos. É deixar os outros darem sua opinião, sem reclamar”.

“Respeitar também é uma forma de humildade e caráter”.

Nas frases a seguir demonstram o pensamento de um dos alunos que vitimiza seus colegas, o mesmo foi levado uns dias antes para a diretoria por ter agredido com socos e pontapés suas colegas de classe.

“Parecido com você seu burro, nós devemos dar valor a nossa família”.

“Respeito é um pouco de moral, é, é, é”.

“Respeito é não dar porrada”.

“Respeito é também dignidade entre os seres humanos, a gente aprende no berço, é bom”.

Em todas as produções percebe-se a repetição das palavras, os alunos não apresentam criatividade ao escrever, demonstram insegurança e em certas ocasiões até a letra sai diferente. Percebe-se um conflito, porque ora são crianças ora adolescentes.

É no período da adolescência-adolescência, que as pessoas enfrentam exigências sociais novas e, às vezes, drásticas. Fazer tudo que fazem os adultos não pode, nem pode fazer coisas de crianças, pois o adolescente não é um nem outro. Entre meninos e meninas da mesma idade surgem abismos intransponíveis, pois os ritmos de amadurecimento para os meninos e para as meninas são diferentes. Isso também pode gerar conseqüências psicossociais importantes. (BALLONE, 2003)

Novamente, ressalta-se que, a adolescência não é marcada apenas por dificuldades, crises, mal-estares, angústias. Pois quando o adolescente tem que abandonar a atitude infantil e ingressar no mundo adulto, há uma série de acréscimos no rendimento psíquico. (BALLONE, 2003)

Percebe-se que há alunos extremamente carentes emocionalmente, talvez seja por isso que precisam chamar a atenção para si em situações que o professor auxilia outros alunos. Outros, não conseguem se vir adolescentes e capazes de ter atitudes como tal, então, eles acham que estão perdendo seu lugar de queridinho da escola. Afinal, há alunos que cresceram na escola.

Para as meninas, também, há muita alteração de sentimentos; elas demonstram atitudes desafiadoras porque apresentam auto-estima baixa, estão

descontentes com as mudanças corporais, os professores não as vêem como criancinhas e nem como adultas. É uma fase em que elas ainda não sabem como se comportar, se como criança ou como adulta, causando com isso confusão em suas cabecinhas.

E quando vêem que outra menina está ocupando a atenção dos professores, fazem de tudo para atrair os olhares sobre si, as meninas ficam agressivas quando percebem perder espaço para outras meninas. Com as professoras é a mesma situação, não gostam de dividir a atenção com ninguém.

Em conversas com outros professores, viu-se a preocupação dos mesmos em relação aos problemas mais encontrados nas instituições escolares: a relação professor-aluno, a questão da disciplina e as dificuldades de aprendizagem, decorrentes ou não deste fator relacional. Desse modo, educadores encontram-se inseguros no 'como' realizar sua ação, e os teóricos e técnicos que se propõem a ajudá-los repetem em seus discursos que não há receita pronta. (BARBOSA, 2001)

Há de se conscientizar os jovens desse novo século sobre o que é cidadania e para que ela serve, contudo, aprender cidadania quando os próprios pais ou parentes não se dão conta do sentido que essa palavra carrega, fica difícil e sem sentido.

Afinal, o verdadeiro cidadão sabe que carrega a responsabilidade de ter direitos e deveres, e é também responsável pelos destinos da nação e que não se volte contra os interesses de todos que formam esta nação. Portanto, isso significa que as crianças de hoje em dia necessitam modelos de cidadãos que saibam e pratiquem seus direitos e deveres, para que assim se possa saber qual o caminho seguir.

Por isso que se pensou em trabalhar, também, com dinâmicas, porque elas objetivam aproximar as pessoas, bem como levantar questões que as pessoas não imaginam que estão passando. (MILITÃO, 1999)

A seguir uma dinâmica realizada com os alunos, para que os mesmos percebessem a importância que eles têm na vida das pessoas.

Primeiros nomes, primeiras impressões, em que os objetivos são: conhecer os outros participantes do grupo; descobrir o impacto inicial de alguém nos outros; estudar fenômenos relacionados com primeiras impressões – sua precisão, seus efeitos, entre outras reações. (MILITÃO, 1999)

Passos:

1. O coordenador pede aos participantes sentados em círculo que se apresentem, dizendo seu nome e dois fatos marcantes de sua vida.
2. Ele pede que todos virem as costas (evitando que um veja os outros) e escrevam ao mesmo tempo, o primeiro nome de todos os participantes do grupo, à medida que deles se lembrem.
3. Voltando-se novamente para o grupo, procuram saber qual o nome, que ficou esquecido na lista. Podem pedir que as pessoas indiquem mais um fato a fim de melhor fazer a ligação com o nome.
4. O grupo discute os nomes, sentimentos ligados a eles, dificuldades que sentiram para lembrar de todos, suas reações em não ser lembrados.
5. O coordenador distribui outra folha em branco, na qual devem fazer a lista dos nomes novamente, pedindo-lhes que acrescentem anotações em relação à primeira impressão que tiveram das pessoas, deixando a folha anônima.
6. As folhas anônimas serão recolhidas, e o coordenador irá lê-las em voz alta: Os membros poderão reagir sobre a precisão ou relatividade das impressões, sobre o que sentiram, o que lhes surpreendeu.
7. O grupo discutirá a precisão dos dados da primeira impressão, os efeitos da mesma e suas reações sobre a experiência.

A professora se deu conta que por meio dessa atividade, que muitas vezes, o aluno se sente esquecido pela própria família e é na escola que ele pode ser percebido mediante seus atos: bons ou maus. Após a atividades os alunos puderam passar para o papel o que estavam sentindo, entretanto, essa produção eles não quiseram ver postadas no *blog*.

Nessa segunda dinâmica, o desenvolvimento foi diferente, pois os alunos estavam mais relaxados e sabiam que iria ser uma atividade prazerosa.

QUEM SOU EU? Nessa dinâmica os alunos puderam conhecer de maneira mais detalhada sobre o colega de classe. Pois o objetivo era tornar os membros do grupo conhecidos rapidamente, num ambiente relativamente pouco inibidor.

Passos

1. Cada um recebe uma folha com o título: “Quem sou eu?”
2. Durante 10 minutos cada um escreve cinco itens em relação a si mesmo, que facilitem o conhecimento.

3. A folha escrita será fixada na blusa dos participantes.
4. Os componentes do grupo circulam livremente e em silêncio pela sala, ao som de uma música suave, enquanto lêem a respeito do outro e deixa que os outros leiam o que escreveu a respeito de si.
5. Logo após reunir dois a três colegas, com os quais gostariam de conversar para se conhecerem melhor. Nesse momento é possível lançar perguntas que ordinariamente não fariam.

Ao final da apresentação, a professora constatou que os alunos estavam mais animados e queriam conhecer melhor seu colega 'sem zoeiras', como eles mesmo dizem. Os alunos que estão sempre em desordem gostaram de participar e demonstraram interesse em falar sobre si mesmos, nesse momento puderam expor aquilo que mais gostavam ou detestavam.

Evidentemente, que na série mais problemática, houve quem dizesse ser brincadeira de criancinhas e que não iriam participar, mas quando se deram conta de que todos os demais alunos estavam envolvidos resolveram participar também. Contudo, há de se salientar que os mesmos não gostam de demonstrar suas fraquezas, sentem-se ameaçados quando os colegas vêem que eles são como toda criança na sua idade.

Assim, viu-se que a atenção de que eles necessitam está além das explicações dos professores, é a atenção e carinho que os pais deveriam dar aos filhos e por estarem muito ocupados em prover o lar, esquecem desse detalhe na vida dos filhos.

Com uma postura corporal mais relaxada vieram conversar com a professora perguntando se eles fizeram a atividade certa. A preocupação era em ter feito tudo corretamente, há muita competição entre eles, e o fato de fazerem tudo correto é motivo de orgulho para eles.

Novamente, é importante ressaltar o papel da afetividade nessa fase da adolescência, e é ela que dá o tom de bom convívio na sala de aula e na escola. Os familiares dos alunos têm se ausentado demais de seus afazeres como pais e cuidadores, deixando seus filhos à mercê das más companhias e influências.

A professora decidira trabalhar com dinâmicas porque propicia uma maior interação entre as pessoas, principalmente aquelas em que o objeto central da mesma seja o envolvimento entre os pares. Bem como, elas oferecem às crianças,

adolescentes e adultos uma resposta às necessidades lúdicas escassas em diversos ambientes, com o objetivo primeiro de integrar o grupo e possibilitar o feedback de dados, que é uma técnica de mudança de comportamento que parte do princípio de que quanto mais dados cognitivos o indivíduo recebe, tanto maior será a possibilidade de organizar os dados e agir criativamente. (MILITÃO, 1999)

E ao incluir a escrita constatou que por meio de histórias, os alunos comentavam sobre o que vinham passando em sala de aula, e até mesmo em casa. Porque toda criança gosta de contar histórias e que contem histórias para elas.

Sendo assim, o oferecimento de fábulas e contos maravilhosos estimulou-os a escrever sobre o que está errado na vida deles. As fábulas com suas morais fazem com que o aluno perceba que a vida não é um mar de rosas para ninguém, a vida tem a parte boa e a ruim.

O conto maravilhoso é psicologicamente mais convincente do que a narrativa realista, porque coloca a criança diante de uma situação-problema cuja solução ela encontrará graças à sua capacidade de imaginar. (GILLIG, 1999)

Portanto, os alunos ao entrarem em contato com fadas, ogros, gigantes, feiticeiras e duendes perceberão que os personagens podem assumir a forma humana, ou seja, os personagens têm função simbólica e representam pessoas que fazem parte de sua vida.

Para encerrar o ano letivo, a professora levou a dinâmica abaixo. Os alunos participaram, e alguns disseram ter feito a diferença aquelas atividades em suas vidas, gostaram de ver seus nomes escritos em um *site* da Internet. A autoestima em alguns deles estava brotando, em outros está tão escondida que demorará algum tempo para desabrochar.

## MEU VIZINHO

Formação: todos em círculo

Desenvolvimento: O animador começa o jogo dizendo : “O meu vizinho é ...” ( aqui diz uma qualidade ). Conforme a letra que inicia a palavra dita, todos os outros jogadores devem dizer palavras que se iniciem com a mesma letra. Por exemplo, se o animador disser: “Meu vizinho é corajoso”, todos os demais jogadores dirão palavras com a letra “C”. Não podem repetir palavras. Terminada a primeira rodada, o animador escolhe outra letra e assim por diante prossegue o jogo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aquisição da linguagem oral e escrita é de suma importância para o pleno desenvolvimento da criança, visto que, é por meio dessa aquisição que ela se adaptará à comunidade em que está inserida.

Entretanto, se faz necessário que se preste atenção nesse desenvolvimento e, no que, porventura, o prejudique. E o que vem acontecendo nas escolas que vem atrapalhando o processo ensino-aprendizagem são os casos de *bullying* ou vitimização como é chamado no Brasil.

Um mal que vem assombrando as escolas e assustando alunos, professores, funcionários e os pais, pois esses são constantemente chamados à escola para resolver os problemas criados pelos filhos.

Devido tal preocupação é que a pesquisadora em questão decidiu fazer um breve estudo em sala de aula, para acompanhar o desempenho dos alunos nas aulas de língua portuguesa. Como estariam a escrita e a fala desses alunos vítimas constantes da violência: verbal, física, psicológica? Haveria alguma diferença em seus escritos? Em seus vocabulários?

Sendo assim, ao perceber que realmente os alunos se modificam quando estão em situação de vitimização, a pesquisadora levou o estudo adiante e descobriu que realmente há diferenças sim, no vocabulário e na escrita dos alunos que praticam, sofrem ou apenas assistem às cenas do *bullying*.

Durante todo o ano letivo de 2008, a professora de língua portuguesa pôde acompanhar uma sala de quinta série e três de sexta série, nas quais as 'brincadeiras' (atos de *bullying*) estavam sempre presentes.

Impressionante constatar que os alunos autores de *bullying* não se dão conta de que há algo errado acontecendo com eles, ao fazerem as ditas brincadeiras, acham que estão fazendo algo normal, sem restrições e que não precisa haver punição.

Contudo, entre os alvos impera o medo e a vergonha por serem tão frágeis e aceitar as brincadeiras que os colegas de classe fazem, para as testemunhas só resta presenciar e esperar o professor tomar alguma atitude em relação ao autor.

Aos professores cabe o papel de advogado do diabo, pois ao tirar o aluno autor da sala de aula, esse se sente injuriado e incapaz de perceber o que está

fazendo aos colegas. E se não toma alguma atitude os demais alunos acham que o professor está privilegiando o agressor. É uma bola de neve, em que vem prejudicando o bom desempenho dos alunos em sala de aula.

Assim quando o aluno é dispensado (lê-se suspensão) para ficar alguns dias em casa 'para pensar' sobre o que aconteceu não manifesta ter aprendido nada com essa espécie de punição, ao contrário, volta com a corda toda e novamente ele acredita na lei do: 'não dá nada'.

Percebe-se, infelizmente, que em pleno século 21, os valores e as regras têm sido deixados para trás, tanto pais quanto filhos esqueceram que os bons modos nunca saem de moda, que as regras existem para serem cumpridas, e que garantirão uma boa convivência entre seus pares.

Para os professores cabe a função de orientar os alunos a seguirem caminhos que não os farão sofrer posteriormente, entretanto, não é papel do professor ensinar os alunos regras que deveriam ser transmitidas pela família, por isso deve pensar atitudes que levem os alunos à aprendizagem significativa e proporcione momentos de reflexão e orientação aos alunos sobre a vida e o que pretendem dela.

E ao atuar junto à equipe de coordenadores sugerindo atividades que não fazem parte do currículo, mas que trarão algum benefício aos alunos, o professor estará proporcionando aos alunos situações para que eles possam conviver na comunidade que atuam de maneira responsável e feliz.

## REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Artes Médicas, Porto Alegre, 1992
- BALESTRA, Maria Marta M. **A psicopedagogia em Piaget: uma ponte para a educação da liberdade**. Curitiba, Ibpex, 2007.
- BALLONE, Geraldo José. **Maldade da Infância e Adolescência: *Bullying***. In. PsiqWeb, Internet, disponível em [www.psiqweb.med.br](http://www.psiqweb.med.br), revisto em 2005. Acesso em 10 de julho de 2008.
- \_\_\_\_\_. **Violência e Agressão da Criança e do Adolescente**. In. PsiqWeb, Internet, disponível em [www.psiqweb.med.br](http://www.psiqweb.med.br), revisto em 2004. Acesso em 10 de julho de 2008.
- BARBOSA, José Juvencio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1992 e 2001.
- CAVALCANTE, Meire. **Como lidar com ‘brincadeiras que machucam a alma’**. Revista Nova Escola, São Paulo, ano XIX, nº 178, p. 58-61, dez./2004
- COLI, A.S. **Conceito de adolescência**. In: E. Marcondes. *Pediatria básica*. Savier, São Paulo, 1994.
- CURITIBA. SEED – Secretaria de Estado da Educação do Paraná – Departamento de Educação Especial. Curitiba, 1999.
- D’ ANTINO, M. E. F.; SILVA, A. M.. **A Criança de 0 a 3 Anos: Estimulação Intensificada**. Cadernos da TV Escola Educação Especial, Deficiência Mental e Deficiência Física. 1 ed. São Paulo/SP: Secretaria da Educação a Distância, 1998
- DREYER, Diogo. **Brincadeira que não tem graça**. In: <http://www.educacional.com.br>. Acesso em 15 de setembro de 2008.
- FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. ***Bullying* Escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas, SP: Versus Editora, 2005
- GIANCATERINO, Roberto. **O desenvolvimento e o julgamento moral humano**. In: <http://www.webartigos.com/articles/6759/1/o-desenvolvimento-e-o-julgamento-moral-humano/pagina1.html>
- GILLIG, Jean-Marie. **O conto na psicopedagogia**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

- GOULART, Denise. **Psicopedagogia Institucional**. Curitiba, 2007.
- GRASSI, Tânia Mara. **Oficinas Psicopedagógicas**. Curitiba: IBPEX, 2004.
- LOPES NETO, Aramis A. **Bullying** – comportamento agressivo entre alunos. *Jornal da Pediatria*. Porto Alegre, vol. 81, nº 5 suppl.0, novembro de 2005.
- LOPES, Shiderlene Vieira de Almeida. **O Processo de Avaliação e Intervenção em Psicopedagogia**. Curitiba: IBPEX, 2006
- MENDONÇA, Fernando Wolff. **Aquisição da linguagem: da realidade à escrita**. Uma perspectiva Psicopedagógica. Curitiba: Edição do Autor, 2008.
- MILITÃO, Rose; MILITÃO, Albigenor. **SOS. Dinâmicas de Grupo**. São Paulo: Qualitymark Iv, 1999
- PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. Imitação, Jogo e Sonho. Imagem e Representação. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- \_\_\_\_\_. **A construção do real na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- \_\_\_\_\_; INHELDER, B. **Da Lógica da Criança a Lógica do Adolescente**. São Paulo: Ed. Pioneira, 1976.
- PORTO, Olívia. **Bases da Psicopedagogia: diagnóstico e intervenção nos problemas de aprendizagem**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2007
- SOARES, Magda Becker. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1991.
- VANOYE, Francis. **Usos da Linguagem: Problemas e técnicas na produção oral e escrita**. São Paulo. Martins Fontes, 1998.
- ZACHARIAS, Vera Lúcia Camara. **A aprendizagem da leitura e escrita**. In: <http://www.centrorefeducacional.com.br/difaprlleit.htm>

*Sites pesquisados:*

- <http://www.diganaoaobullying.com.br>. Acesso em 15 de janeiro de 2009.
- <http://www.lendo.org/a-historia-da-lingua-escrita>. Acesso em 24 de janeiro de 2009.
- <http://www.bullying.com.br>. Acesso em 11 de janeiro de 2009. ABRAPIA
- <http://www.exames.org/apontamentos/Psicologia/adolescencia.doc>
- [http://mundoblog.webng.com/artigo/defin\\_sob\\_blog\\_web\\_flog.html](http://mundoblog.webng.com/artigo/defin_sob_blog_web_flog.html)

**ANEXOS**

Questionário realizado com os alunos relacionados à violência na escola:

1. Para você o que significa a palavra AMOR?
2. Quais são os valores transmitidos pela sua família? Você os segue?
3. Você acredita que a escola educa?
4. Você está contente com o tratamento dos professores e colegas contigo?
5. Defina o que é educação:
6. Você acredita que as pessoas possam ser más porque elas querem? Ou é um ato impensado?
7. O que você faria se fosse espancado na rua por um desconhecido? E se fosse por algum amigo seu?
8. O que você acha das brincadeiras na escola? Você concorda com elas? Faz com seus amigos?
9. O que é respeito? Há respeito na sua casa, escola, entre amigos?
10. O que você mudaria em sua vida para que pudesse ser uma pessoa melhor?